

BRAZILIO MACHADO

DISCURSOS

CENTENARIO DE CAMÕES
HOMENAGEM A CARLOS GOMES—MONUMENTO DO YPIRANGA
HOMENAGEM A JOSÉ BONIFACIO
SESSÃO CIVICA DE 8 DE DEZEMBRO DE 1886

S. PAULO
LIVRARIA DE TEIXEIRA & IRMÃO
54, A — Rua de S. Bento — 54, A

—
1887

DISCURSOS

Paulo Cannabrona Filho

BRAZILIO MACHADO

DISCURSOS

CENTENARIO DE CAMÕES
HOMENAGEM A CARLOS GOMES—MONUMENTO DO YPIRANGA
HOMENAGEM A JOSÉ BONIFACIO
SESSÃO CÍVICA DE 8 DE DEZEMBRO DE 1886



S. PAULO
LIVRARIA DE TEIXEIRA & IRMÃO
54, A — Rua de S. Bento — 54, A

—
1887

I

CENTENARIO DE CAMÕES

Discurso proferido
no Real Club Gymnastico Portuguez de S. Paulo
em 10 de junho de 1880

(3^a edição)

O SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO: ¹ — Tem a palavra o representante da imprensa diaria da capital, por parte da *Constituinte*, ² o sr. dr. Brazilio Machado.

O DR. BRAZILIO MACHADO. — Senhores, ao abrir-se o cyclo portentoso dos tempos modernos, nas extremas da Europa, como gigantes que subito, aos abalos convulsivos de uma força estranha, surgissem nas planuras, dous povos, desdobrando insignias distinctas, um em nome da civilisação, outro em nome do extermínio, erguiam-se, pólos supremos da vida e da morte, da treva e da luz, do sol e da neve, combatendo-se, sem que o pensassem, e vencendo, sem que o soubessem.

No oriente, purpureava um clarão sanguineo, em vez dos esplendores de uma aurora eterna que deveria chover scintillações sobre o berço da humanidade.

No oriente. esse clarão, longe de prênunciar o sol fecundo que activa as germinações da vida nas montanhas e no homem, na flôr e no oceano, era o rebate lugubre do apparecimento de

¹ Presidente da sessão litteraria.

² Diario liberal, de que foi um dos redactores o sr. dr. Brazilio Machado.

um astro, cuja claridade melancolica infunde tristezas, redobra o pallor dos mortos, realça a brancura dos tumulos, na álea sombria dos cyprestes. (*Muito bem*).

Das luctas medievaes se desprendêra; e então mais temeroso do que nunca, por sobre os horisontes, desenhou-se o crescente do islamismo.

Porque surgira?

A Europa fôra assanhar o tigre nos fojos da Palestina, e dera-lhe a beber o sangue que redobrava-lhe a sêde.

Mal ferido sacudiu o dorso; e quando talvez menos se apercebesse a Europa, aquella pata sanguinolenta, sinete do extermínio, abateu-se sobre as cupulas de Byzancio, sellando a carta de uma escravidão de quasi quinhentos annos. (*Muito bem*).

No occidente, porém, eram bem outras as scenas do assombroso quadro.

Portugal, essa nação pequenina que a Hespanha comprime, mas que o oceano alarga (*muito bem*); essa nova Grecia dos argonantas da gloria; esse mesquinho atomo de terra que na historia ganhou as proporções esculpturaes de uma montanha (*muito bem*). Portugal, em face das ondas, em cujos terminos só pôde a mão do genio rasgar as sombras do desconhecido, sentia delinear-se, abrir, crescer a rota luminosa de seus descobrimentos que longe levaria a fama do seu nome, o nome de seus heróes, os heróes de sua immortalidade, immortalidade de seu patriotismo. (*Applausos geraes*).

Antithese de prodigios!

A mão devastadora de Mahomet levantava no oriente uma muralha de tumulos, superpondo cadaveres sobre cadaveres.

E a Europa. recuou!

A prôa das náos portuguezas rasgava os muros de ondas que o oceano levantava, superpondo descobrimentos sobre descobrimentos.

E a Europa. avançou. (*Applausos*).

O turco tentava cerrar as portas do oriente. á civilisação

que caminha; e em torno, cavando largos fôssos, alagou-os de sangue. (*Muito bem*).

O portuguez, sobre a vaga rasga o caminho do oriente á civilisação que doida o acompanhára; e quasi até o infinito, abriu os sulcos das descobertas, e alagou-os de luz. (*Muito bem*).

Um sobre o Caucaso soergue o crescente, symbolo immovel da solidão e da morte.

Outro, ao lado da cruz, prende á corôa de neve do Hymalaia, o rutilante sol do movimento e da vida. (*Muito bem*).

O Bosphoro rola sangue. são cadaveres ás náos que rompem suas aguas!

O Amazonas rola vagas de scintillações: são as quinas que sulcam suas ondas. (*Muito bem*).

A basilica desaba aos golpes profundos de alfange dos ottomanos, e d'entre suas ruinas ergue-se a mesquita, que os minarettes erriçam.

Mas, além. os pagodes da India sentem que um novo Deus invade triumphante o recesso de seus mysterios... quasi que secca-se a fonte do Ganges, que afoga, e rebenta o nascedouro do Jordão, que baptiza. (*Muito bem*).

Ainda além... na America. a floresta trava a ramagem de suas frondes... e a cupula se encurva; o vento balança os corymbos da liana... e os thuribulos fumegam; as aves soltam harmonias na espessura. e a lyra de David rompe em accordes divinos... e de pé, tranquillo, o olhar mergulhado nos esplendores do infinito e os pés enredados nas serpentes do espinheiro, o missionario planta na floresta mais uma arvore: - a cruz! (*Applausos*).

E tudo isto fizeram portuguezes.

Mas quem pudera memorar a trabalhosa jornada d'esse punhado de homens, que arrojavam-se no desconhecido, abrindo o caminho da immortalidade?

Quanto combate travado! quantas provações soffridas!...
quanta miseria e quanta morte?!

Em terra a traição da calúnia, a guerra, o extermínio:
no mar a onda e o cyclone: no horisonte o naufragio nas azas
da tempestade, a tempestade nas azas do desconhecido! (*Muito bem*).

Mas quando na linha vaga do horisonte, como a luz branca
das alvoradas, uma mancha apparecia, alargava-se, desprendia-se
do céu, fluctuava sobre o mar, corporisava-se, estendia-se, e o
grito salvador de — *terra! terra!* — vibrava entre os rumores
do oceano; quando, ainda mal desperto, o olhar do marinheiro,
cansado de interrogar o infinito, de divagar sombrio sobre o flu-
tuante dorso de neptuno, fitava-se emfim no abrigo do suspirado
porto: quando aquellas almas alvoroçadas, entre as visões do pa-
triotismo e da saudade, encontravam no tombadilho as dulcissimas
imagens da patria e da familia. (*muito bem*) — que commo-
ções de alegria immensa não lhes premavam os peitos! que re-
compensa não apagava a memoria mesmo dos infortunios! e que
sublimada corôa não era aquella para depôr aos pés da patria
estremecida! (*Muito bem*).

As costas africanas, devassadas; a Madeira em fogo, ateando
o gigantesco pharol de um incendio, como que para alumiar a
rota das descobertas; o cabo das Tormentas, esse Adamastor,
sphinge plantada nos términos do mundo, duas vezes investido,
mas uma vez e para sempre dobrado; essa longa derrota do
Gama até a India; a conquista, a lucta, a gloria do triumpho,
essas mil batalhas feridas sobre as ondas, ou nas escaladas em
terra, a immortalidade emfim. . tudo fazia d'aquelle Portugal
a mãe fecundissima de mil heróes; d'aquelle nesga de terra...
um continênte de luz, no universo da historia. (*Applausos*).

Atrevido bandeirante, da espada e da idéa, cada marinheiro
era um patriota, cada patriota um descobridor; e cada desco-
bridor alargava os dominios de sua patria; recuava os limites
do mundo; estendia a rede do commercio; abria novas arterias

á circulação do pensamento humano (*muito bem*): dava mundos ao mundo, e homens á humanidade... (*muito bem*) preparando assim a confraternização dos povos, eras de aspiração suprema em que as fronteiras de todas as patrias cahirão ás plantas da humanidade! (*Applausos geraes*).

No emtanto toda a gloria, como o sol, tem seus cyclos de obscurecimento.

E Portugal declinava.

Depois de um rei fanatico, a senilidade, depois da imbecilidade, a loucura de uma ambição quixotesca, revezaram-se n'aquelle throno tão sublimado e d'onde o ultimo rei que cahia, arrastou para a derrota e para a escravidão, a nacionalidade augusta d'aquelle povo.

Ao desabar a monarchia, muito antes que ao retinir do al-fange mouro, na jornada de Alcacer, se rompesse em estilhaços o escudo sempre victorioso de Affonso Henriques, ao tempo, porém, em que confusamente, nas fronteiras orientaes, já se ouvia ranger nas pedras da ambição a garra da Hespanha; — a alma immensa d'aquelle povo de gigantes confluia toda inteira para um homem. (*Muito bem*).

O ultimo dos portuguezes, deveria nascer n'aquelle periodo de decadencia, não para gemer sobre as ruinas da patria, já que não podia amparal-a na columna de seus braços (*muito bem*); mas para, em nome do patriotismo, erguer um monumento tão largo que pedesse conter o cadaver da grande nação. (*Applausos*).

Esse homem foi Luiz de Camões.

Portuguez, não podia mais ser comprehendido por aquella raça que se corrompêra.

Poeta, a Dejanira da fatalidade pregara-lhe aos hombros a tunica ensanguentada do infortunio e da fome, do desespero e da morte. (*Muito bem*).

Por isso repudiaram-n'o.

Portugal recusou-lhe fortuna e amor, alimento e mortalha!
Ao apparecer na côrte, amára doudamente essa Nathercia,
immortalisada em seus cantos.

Mas logo a muralha dos preconceitos levantou-se entre os
dous amantes.

Negára-lhe a fortuna meios com que restaurasse o velho so-
lar de seus avós, e mandasse gravar, em letras de ouro, sobre
o escudo da familia, os titulos de sua nobreza. (*Muito bem*).

No emtanto, montanhas de pergaminhos, pyramides de bra-
zões jamais podriam, na concha da immortalidade, pesár mais
que uma só folha da sua laurea de poeta; brilhar mais do que
uma só das estrophes de sna epopeia. (*Applausos geraes*).

Eloquentissima lição da historia! a auréola da linhagem
apagou-se, como espuma, da fronte de Catharina, e, hoje no
sombrio recesso dos seculos, vinculado seu nome ao nome do
mesquinho, ella apenas se destaca aos clarões geniaes d'aquella
grinalda de amôr que o poeta pode tecêr com as scintillações de
seus versos. (*Muito bem*).

Luiz de Camões, exilado, preso, salteado pela desventura,
sentiu que a patria lhe fugia de sob os pés. . .

Partiu.

Para que revolver as cicatrizes d'aquella vida crucificada?

A guerra desfigura-o mas, volta em busca da guerra, ou
quem sabe mesmo si da patria. (*Muito bem*).

Atravessa os oceanos ainda assombrados pelos prodigios do
Gama; afina as cordas de sua lyra ao diapasão das tempestades;
cria Admasto; inquire as ondas; mede o sulco luminoso na face
convulsa d'esses mares já captivos; pisa a terra de promissão da
India. . . tudo, tudo lhe vem fallar dos heroismos de outr'ora,
e entre os palmares, vê surgir, amortalhados pela gloria, os vul-
tos de Castro, de Pacheco, de Almeida e de Albuquerque. Por
toda a parte, restos de triumphos; por toda a parte, vestigios de

combates; por toda a parte, as tradições do descobrimento; por toda a parte, a sombra de suas bandeiras. mas, ai! por toda a parte... ausente a patria. (*Muito bem*).

Onde estava ella, que um portuguez já não podia reconhecer-a?

Quem desfigurára tanto essa mãe, que um filho já não podia encontral-a?

Que mais restava?

O cavalleiro poeta buscou um abrigo no passado.

Alli, na historia, tumulo de sua mãe, estendeu a espada e pendurou a lyra.

Salteiam-lhe a affronta, o exilio, as prisões... mas que importa? Sua alma, bussola teimosa, voltava-se para o polo da patria, com a insistencia de um fanatismo. (*Muito bem*).

Mas quando sahiu d'aquelle Pantheon de glorias e triumphos: ao descer d'aquelle Synai onde a immortalidade espera o heroismo, Camões trouxera as taboas de um decalogo immortal, os dez cantos de seus *Luziadas*. (*Muito bem*).

Era um testamento. Camões legava-o á humanidade, porque já não tinha patria. (*Muito bem*).

Era uma pyramide, amassada em estrophes de bronze para encerrar os periodos de mais prodigio da historia de uma patria. já morta!

A espada das conquistas, no futuro, poderia arrazar aquelles monumentos; náos estrangeiras e que não soffreriam o esplendor dos feitos de outra bandeira, teriam de retalhar aquelles oceanos, e empanar talvez a esteira de assombros que o Gama abrira sobre as ondas; outros embates d'armas talvez fizessem recuar, para as penumbras do passado, as batalhas portuguezas, sempre feridas com tanto heroismo.

Como salvar aquellas quinas ainda uma vez do naufragio, do profundo naufragio do esquecimento?

Como suspender aquellas enormes proezas que feriram de espanto os povos do mundo, senão levantando-as nas azas po-

tentes da epopeia, tão alto.. que a poeira das ruínas não pôdesse marêal-as; tão alto que os emulos na victoria não podescm jámais ser emulos na immortalidade?! (*Muito bem*).

Eis porque as conquistas da India inscreveram-se no Hy-malaia, menos fundo do que nas pedras graniticas do monu-mento epico de Camões.

E' tempo de concluir.

Cansado de peregrinar, volta o poeta a Portugal.

E alli.

Cerremos um véu de bronze sobre a agonia do ultimo dos portuguezes, do cyclo glorioso dos descobrimentos.

A infamia d'aquelle tempo, tres seculos de reparação já de-vem têl-a esquecido.

A mortalha que a patria lhe não pôde coser ao glorioso ca-daver, porque a patria, despojada da corôa antiga, com elle pre-ferira morrer... deram-lh'a trezentos annos de admiração na purpura sublime de sua propria epopeia (*Muito bem! muito bem! salva prolongada e repetida de palmas. O orador é abraçado e felicitado*).

II

HOMENAGEM A CARLOS GOMES

(1880)

**Discurso proferido em nome da imprensa
da capital de S. Paulo, por ocasião do sarau litterario-musical
organizado em beneficio do filho do maestro paulista
Antonio Carlos Gomes**

(2.^a edição)

MAESTRO!

(O orador é recebido com uma salva de palmas).

Não posso resumir no molde da palavra a onda sonora que os applausos levantam no seio d'esta multidão que ao teu encontro corre; nem sei como desdobrar essa purpura de ovações que é o manto em que se envolve a realeza do talento.

Não é de hoje que soletras nas acclamações de uma noite, a immortalidade de teu nome.

Nossas palmas não são por certo as primicias da homenagem.

Si a ambição do progredir não fôra sem praias e sem fundo; si a trajectoria do genio no tempo e no espaço pudesse encontrar as fronteiras da immobildade; — si n'alma onde tumultuam os movimentos do trabalho fosse dado abrir o vacuo da quietação... poderias, laureado maestro, sem comprometter os teus fóros de artista, esterilisar essa batuta que arrancou do rochedo da arte as cascatas da harmonia! e deixar que a sombra do teu nome se embale pela ampla amplidão sem términos da posteridade, arrastada, como o guarany da tua opera, pela torrente dos tempos, sobre a palmeira da gloria! *(Muito bem! muito bem!)*

Ha cerca de vinte annos, attrahido para as incommensuraveis alturas, onde só pairam os elcitos da intelligencia, te sen-

tiste grande de mais, para que os horisontes de tua terra podessem circumscrever a orbita de tuas aspirações.

No oceano ensombrado que pretendias accommetter, quantas vezes não verias cahir, adormecido de fadiga, o braço que endireitava o leme do futuro, entontecida a bussola da esperança, deseonjuntada a ancora da coragem! (*Muito bem!*)

Querias a Italia... essa Italia, onde a palavra tem as modulações de um canto; essa Italia que até hoje empunha a batuta na orchestra do mundo; essa Italia que para o artista é o Thabor das transfigurações.

Mas esse sonho de engrandecimento esvoaçava por alturas que não poderiam alcançar tuas mãos: vazias de dinheiro. Obscura ainda, com quanto a corôa do talento musical fizesse de tua familia uma dymnastia de artistas, tua voeação talvez que não pudesse captivar, na eadeia das harmonias, a admiração de hoje, se entre os espinhos da pobreza não encontrasses o sceptro de ouro de um monarcha. (*Muito bem!*)

No plano elevado da gratidão nacional, essa magestade ganhou então mais um diadema; esse throno, mais um degráu; pois o sceptro que podia gerar no olympto as serpentes do raio, transformava-se na vara do inspirado hebreu, abrindo de par em par as ondas do esquecimento, para deixar enxuto o leito da esperança, por onde tu, mesquinho, atravessaste em busca das luminosas praias da Palestina de tua peregrinação, da peregrinação de tua gloria, da gloria de tua patria! (*Muito bem!*)

Rasgou-se o rumo do futuro.

E para que na sagração do genio fosse testemunha a imagem d'esta terra, encheu-se tu'alma das agitações do patriotismo, e a tua opera, a primeira escala da tua apothese, se traduziu na poeema dos Aymorés, o rumor selvagem das cachoeiras, tomou ao mesmo tempo as modulações da brisa das florestas n'essa indolente balada, que lembrá a ave morta de um sonho arrastada pela onda plangente da saudade. (*Muito bem!*)

Agora vens opulento, bem o sei, bem n'ó sabem todos.

Mas no concerto de acclamações que te cortejam faltava uma partitura, a do coração; uma symphonia, a do sentimento; uma orchestra, a orchestra de nossos applausos, dos applausos de tua provincia.

Não, que esta terra, que tão bem personificaste no congresso da arte, ao ver tua ascensão delirante, deixasse de estender, por sobre os oceanos, nas mãos tremulas de enthusiasmo, a sua corôa de estrellas. d'essas estrellas que tu, laureado maestro, uma a uma arrancavas de seu escudo, para crear uma nova constellação, a da America, n'esse harmonioso systema em que Mozart e Rossini, Meyerbeer e Cherubini, Hadyn e Palestrina são outros tantos centros luminosos. (*Muito bem!*)

Não, que esta terra, com os estremecimentos de mãe, deixasse de te acompanhar nos incessantes combates que a vocação trava com esse anjo máu da duvida ou da calunnia, do preconceito ou da inveja, e que, das encruzilhadas da pobreza ou da sombra, não raro salteia o genio, e predispõe no estreito caminho da posteridade a pedra do abysmo junto ao degráu da montanha, a purpura do triumpho cosida aos andrajos do infortunio.

Não, que esta terra deixasse de commover-se com o desvanecimento de um orgulho immenso, quando Milão lhe arrancava o filho, para restituir o maestro; quando a arte lhe roubava um cidadão para, do proscenio altissimo do Scala, reenvial-o tão grande que engrandeceu a patria, tão glorioso que já póde affirmar a organização artistica de um povo. (*Muito bem!*)

Mas era mister que sentisses de perto as expansões do mais santo dos orgulhos, o palpitar febricitante da sua gratidão, a suprema ventura emfim de te apertar nos braços.

Nossas homenagens não foram pedir ao escritorio da vaidade as perolas opulentas, nem allumiamos tua passagem com os reverberos de luz que o diamante espalha; porque não ha esplendores que empallideçam o sulco de um beijo de mãe impresso na frente de seus filhos; assim como não ha montanhas de corôas que possam encobrir a modesta vereda que nos conduz ao

recanto onde, em ruínas cahiu o tecto de nossas primeiras alegrias.

Assim, maestro, embora a tua vida se tenha escripto em pergaminhos de louros; por mais compacto que se avance o prestito de ovações que te acompanha; por mais incessante que trine em teus ouvidos a marcha triumphal de tua glória, é forçoso que n'esta noite dêes em tua fronte um espaço para que n'elle se estalem os osculos de tua patria; — que em teu prestito abras um logar para a tua provincia; e que imponhas momentaneo silencio á symphonia de teu triumpho para que possas ouvir as saudações de teus patricios.

(Applausos geraes, muito bem, muito bem. O orador é felicitado).

III

MONUMENTO DO YPIRANGA

**Discurso official proferido em 10 de dezembro
de 1882, ao lançar-se a primeira pedra do monumento
a erguer-se nos campos do Ypiranga**

SENHORES :

Esta terra, que sempre ganhou palmas nos quilates do empreendimento, que desde remotas eras, passciando as suas *bandeiras*, soube intimar vassallagem ás mais indomesticas regiões, deixando, como exemplares de sua afouteza, mais de uma montanha vencida, mais de uma floresta perlustrada, mais de um rio transposto, se bem que não raro em pégadas ensanguentadas balizasse o itinerario de seus feitos, marginando com a destruição do gentio o opulento diario de suas descobertas ; esta terra — que, afinando o nome paulista nos timbres da lealdade e do valor, atirou-o como um assombro em todas as direcções, pois devera na evolução historica velar desde logo o seio de suas minas, para estimular as mais apartadas excursões, atravez das quaes a fome do ouro, esporeando a coragem, se puzesse a soldo da civilisação, muito cmbora os respirós da fortuna fossem pagos a preço doloroso por quantos n'ellas se aventuraram ; esta terra, que, opulentando a historia patria com o metal incorrupto de suas tradições, mais do que pejava as arcas da metropole com as barras de seu ouro, concentrou em si os fastos mais assignalados de uma nacionalidade, como em concavo de um espelho ustorio se enfeixam as irradiações da luz ; esta terra, que, mal soffrida de estrangeira dominação, temperou o character ativo de seus filhos na

consciencia de nunca desluzidos brazões, que, por varonia, des-
ciam de geração em geração, e que, conspirando em Minas no
seio da Inconfidencia ou em Pernambuco, ao lado do Padre Romão,
teve de mais a prdestinação de suspeitar os mal distinctos asso-
mos da emancipação; esta terra devêra sêr a primogenita da
victoria da liberdade, como fôra nos rudes recontros do *bandei-
rante* a sempre afortunada companheira. . .

Ella compartilha, a mãos opulentas, os successos que precipi-
taram o glorioso desenlace de 1822. Paulistas são os iniciadores
da criação dos concelhos provinciaes que abriram espaço ás pri-
meiras representações populares; — paulistas são os contraditô-
res dos movimentos de maio a julho; — paulistas, as municipa-
lidades que, em tom de revolta, intimam resistencia ao governo
da metropole; paulista, o ministro que inspira a Regencia; pau-
listas, as reclamações que frequentes exigem a presença de D.
Pedro; paulista, a terra que por entre aclamações levanta o
vassallo portuguez á suprema conjunctura em que rompeu no
primeiro grito a liberdade; — paulista, o sitio que, como predis-
posto scenario, sentia atraz de si vacillar o sol no occaso, o sol
que como um sêllo de luz fechava o derradeiro dia da escravi-
dão, alargando para o oriente a sombra d'esta collina, nas pro-
porções giganteseas de uma culminação historica!

E hoje que abrimos lhe o seio, — mais honrando as tradições
de que vem, sem barra de bastardia, tramado desde longe, que co-
biçando o minerio que por ventura ciosa ainda guarde,— é honra e
nobreza nossa afastar a instantes a purpura d'esses sessenta an-
nos que se estendem por sobre esta collina, para ainda uma vez
assignal-a n'aquella gloriosa eminencia, a que soergueu-se, como
o vertice dominante de nossos fastos nacionaes.

Não vimos, porém, rasgar-lhe a vestidura para levantar no
chão sagrado desde uma ode de marmore até ás magnificencias
de uma iliada de bronze; nem mesmo atirar, como fria interjei-
ção, uma columna de granito, em cujas folhagens de acantho se
enredassem, á competencia, o divino sopro do artista e a grata

recolhação do patriota. Não precisariam os posteros, d'essa memoria, nem os contemporaneos, d'essa affirmação. Os successos humanos não vestem, como armadura, nas consagrações de pedra, os luzimentos que lhes nega a justiça da historia.

Do contrario, deslustrado o marmore, a lance de estalar,—a bronze, combalida,—a columna, seriam como esqueletos anonymos que o tempo desconjunctasse, e nunca reliquias de uma gloria que se prolifica, gloria de uma tradição que se perpetúa :

O monumento, senhores, deve ser sempre uma sombra, a sombra do que atravessa as eminencias da historia.

Assignalar o sulco donde irromperam acontecimentos taes, é menos disputar á tradição as fórmulas da immortalidade, que a remissão de uma divida de patriotismo.

Não nos veiu de assalto o projecto de semelhante commemoração.

Levantado em 1824, atravessando de 1825 a 27, resurgido em 1836 e 55, recordado em 1861, para revigorar-se onze annos mais tarde, o empenho de um monumento no Ypiranga vae finalmente ganhar um plano de execução, a que hoje prestam energicos impulsos, brasileiros que lograram antepôr esse honroso compromisso ás intermittentes oscillações da desfortuna, que não pouco deslustram e retardam empresas taes.

E porque o monumento, desde que não podesse pompear as magnificencias do escopro ou do cinzel, devera por essa inspiração não desluzir em frente da pagina que pretende rememorar, pozemos o patriotismo em serviço da mais elevada das aspirações sociaes :

Vimos crear uma escola.

E' pouco e é muito.

E' pouco, si medimos a consagração pelo acontecimento, o symbolo da paga pela grandeza da divida.

E' muito, si attendermos que só a peuna, em vez da espada ou do sceptro que não podem mais fiar dos rutilantes de seu aço ou da opulencia de seu ouro, a segurança do dominio, que só a

penna logra hoje conter nas fronteiras do direito as insoffridas multidões, rasgando prospectos da civilisação ao incessante itinerario da humanidade.

E' muito, porque a instrucção é o imperecivel elevador da consciencia, e a consciencia é a affirmação do individuo na sua liberdade, do cidadão na sua independencia, do povo na sua soberania.

E' muito, porque não ha despotismos que não cedam á conspiração do pensamento, e a idéa rompe da escola, como a planta rebenta do solo, como do livro estala a revolução.

A estatua do fundador do imperio levanta-se ao longe, erguido o braço que supera a espada, estendida a mão que nos mostra a *Carta*.

Honremos o passado!

Erguemos, porém, agora um monumento encimado pela penna, illuminado pelo livro.

A espada aponta a penna, o livro prolonga a *Carta*.

Saudemos o porvir!

IV

HOMENAGEM A JOSÉ BONIFÁCIO

(2 de dezembro de 1885)

**Discurso com que foi aberta a sessão cívica,
promovida pelos abolicionistas da capital de São Paulo,
em homenagem ao senador
José Bonifácio de Andrada e Silva**

SENHORES:

Si não me fôra consentido dominar as revoltas do pezar, que uma circumstancia de momento instiga, ¹ mas que a reflexão modera, e eu pudesse, n'uma synthese energica, condensar as interrogações que mal se calam na bocca de quantos me escutam, sob cada palavra minha eu devêra sentir as palpitações de uma surpresa amarga, e em cada gesto deixaria adivinhar o constrangimento.

Porque nos reunimos ? para affirmar. E o que affirmamos ? uma homenagem. Mas, quem pressuroso accode a recebê-la ?

Ninguem !

Pois que ! o emincnte cidadão, em cuja honra organiza-se esta hemenagem, não poude vencer as travadas linhas da solidão e da modestia, em que isolou-sc, c d'est'arte esquivava-se ás acclamações que o esperavam ! Pois que ! o immaculado patriota que ha sabido revestir sua palavra, dos primores da eloquencia e das vibrações da verdade, para fulminar o trafico da justiça nos

¹ O senador José Bonifacio mandou excusa do seu não comparecimento.

mercados da lei, para verberar o contrabando do homem, feito mercadoria, sob a bandeira do Imperio reduzido a panno de annuncio de escravos fugidos. o immaculado patriota ausenta-se d'esta festa, que é uma affirmação, porque o direito sempre affirma, d'esta festa que é um protesto, porque a liberdade não transige !?

Não! senhores, o que affirmamos não é um homem, é um principio; não é a estatua, é a significação; não é o foco, mas a irradição; não é a pessoa, é a propaganda.

Ausente, José Bonifacio se distancia, mas pela elevação: a luz quanto mais sobe mais se approxima; a idéa quanto mais domina mais se eleva. Sentil-o ausente é mais significativo que saudal-o perto.

Deixemos, pois, o grande solitario, o solitario da liberdade: não perturbemos em seu retiro o evangelista dos escravos.

As grandes affirmações da liberdade nunca necessitaram de encarnar-se na materia para tornarem-se evidentes: essa contingencia melhor assenta nas negações do direito. Onde quer que a tomemos, sob a clamyde grega ou na pretexta romana, na tunica de Christo ou na blusa do povo, a liberdade é sempre a liberdade. Affirmou-se sob todas as fórmas, atravez de todos os tempos, pelo livro ou pela espada: — não tomou symbolos, regeitou divisas. O direito humano é tão largo que não ha pyramides que o perpetuem; nem pantheons que o conttenham.

As violações do direito, essas sim! essas precisam que os olhos da carne as *palpem*, porque a luz da razão não n'as suppõe; necessitam da lei positiva que as imponha, porque a justiça as repugna; essas, sim! multiplicam os colossos de Nero, arremessam os castellos do feudalismo, sommam bastilhas sobre carceres de inquisição; essas soerguem moles gigantes que agarram-se ás entranhas da terra, como que tremulas de medo de que ao grito das consciencias violadas aeudam as convulsões da propria natureza.

Assim, a escravidão. Oriunda da lança, continuada pela vela

pirata, encaminhada pela bussola dos negreiros, fecundada no repugnante *contubernium* da lei e do interesse immoral, essa nunca poderia vingar sem um symbolo; mas um symbolo que a reflectisse em toda a sua hediondez descomposta; mas um symbolo que exprimisse, com desusada clareza, a essencia da instituição, um symbolo unico, polyglota, cosmopolita, universal, que supprimissem todas as resistencias, atravessasse todos os espaços, sem que por isso perdesse uma só de suas fibras ou estalasse um só de seus musculos.

Por mais que se remontem as estradas do tempo e mais fundo se cavem os minérios da historia, na India ou em Roma, em Loanda ou Brazil, onde quer que a negra instituição tenha operado a grande iniquidade, ella impõe-se, falla, reduz, escravisa o homem com um instrumento unico: — o chicote!

Em Sparta o chicote era a memoria da escravidão: os ilotas eram diariamente açoitados para que tivessem consciencia de que escravos eram. Em Roma, Plauto chamava os escravos, *verberea statua*, estatuas de açoites; em Roma, o *lorarius* era uma instituição domestica; e para que mais? depois de mil annos, ainda nas cadêas do Imperio, o carcereiro em nome da soberania nacional, imprime pelo gyro do chicote, a orbita do direito para o *senhor*, a sensação do dever para o *escravo*.¹

Sim, senhores! a escravidão jamais poderia encontrar para os seus pergaminhos um sêllo, nem mais saliente, nem tão digno!

O chicote é a figura da deformidade, e o captiveiro deforma o homem; é o instrumento da injuria, e a escravidão é a injuria do direito; é a divisa da perversidade que solda o mal physico á mais suprema das dorcs moraes, e a escravidão arranca mais

¹ A pena de açoites só foi abolida em 1886.

brios do que sangue, menos lagrimas que sentimentos ; é o instrumento que doma os brutos, e o captivo embrutece a humana creatura ; é o *sceptro* do saltimbanco, o emblema do *mestre de circo*, e assim como este costuma encher o seu elenco, das creanças que a miseria vende ou que o furto apanha, assim os *senhores* de hontem alinhavam as fileiras de seus eitos, com o escravo que o trafico comprara, que o contrabando roubou e que a lei amnistia !

Supprimir o chicote é matar a escravidão. Apagada a marca, desaparece a *propriedade*. E' sempre este o destino do arbitrio fundamentando o direito, do ficticio alimentando as instituições.

Entretanto, quão-diversa a fortuna da justiça ! Pode a força arrancar-lhe a venda, quebre-se-lhe embora a balança, nunca elle saberá distinguir o direito pela côr, a liberdade pelo volume.

Assim, não precisamos de symbolos n'esta festa.

Afirmamos o principio e concluimos por um protesto.

O principio dirá: a escravidão é a negação de Deus, a apostasia do direito, a heresia da razão, a traição do patriotismo, o delirio da lei, a immoralidade na familia, a vergonha suprema da patria.

O protesto accrescentará :

A liberdade não consente transacções ¹: e porque não corre á herança accumulada pelo suor escravo, pede immediata reparação do crime secular.

O principio venceu com Rio Branco.

Vingue o protesto com José Bonifacio.

Está aberta a sessão.

¹ Allusão á lei de 23 de setembro de 1885.

V

SESSÃO CIVICA

(8 de dezembro de 1886)

**Discurso pronunciado na sessão civica
celebrada em S. Paulo, em memoria do senador José Bonifacio
fallecido a 26 de outubro d'esse anno**

SENHORES :

Quando aquella calamidade publica, a que o inesperado multiplicou a violencia, cahiu, abalando o paiz inteiro, e entontecidos todos nós ficámos, como se no céo americano, na abobada d'essa basilica de estrellas, encimada pelo Cruzeiro, ouvíssemos o coração da patria, feito bronze, a dobrar pelos finados. o primeiro grito foi uma interjeição de lagrimas! Foi a alma que se partiu, o coração que estalou, o pranto que rompeu: a primeira vestidura que amortalha os infortunios é sempre o sentimento. O grito foi a espontaneidade da dôr.

Mas, amortecida a surpresa, quando se alcançou medir o vacuo que na harmonia do movimento social aquella morte viera rasgar, ao primeiro grito accudiu um segundo, e esse não chorava, interrogava; não gemia como um soluço, mas interpellava como uma esperança.

As grandes causas, em que menos se havia empenhado o compromisso de um partido que a vitalidade de uma nação, as grandes causas populares que para José Bonifacio jamais se ergueriam victoriosas sem a libertação do homem escravo e a emancipação do homem-cidadão, sem supprimir-se o interesse do *negro* que extingue o interesse da patria e o interesse do *censo do metal* que mata o *censo do homem*. as grandes causas en-

tão sentiram que seria de longa, senão de eterna, viuvez o panno mortuario que cobre a tribuna da palavra e o sacrario da liberdade no parlamento nacional.

Sua morte como que perdia a saliente perspectiva de uma desgraça para ganhar o cunho indelevel, inflexivel de um castigo social; apagara-se a grande luz ao sopro combinado da morte e da escravidão.

José Bonifacio cahiu como uma victima excepcional, victima encaminhada pouco a pouco a um sacrificio infallivel, inadiavel.

O soldado que no mais cerrado dos grupos combatentes, no mais travado dos passos da batalha, envolvido na bandeira arrojase n'esse delirio convulsivo da gloria, — diante da garganta colerica dos canhões, não reflecte que a bandeira que o cobre poderá-lhe ser mortalha: ainda a esperança da vida, a saudade da patria, a animação da victoria, o estímulo e amparo. . . Mas *elle*, tendo no coração a morte, sabendo-a tropel de seus passos, pesadello de suas esperanças, amargura de suas alegrias, convicto de que n'uma imprudencia, n'um esforço, tropeçaria sua vida, tão commovedoramente repartida entre a familia e patria. . . *elle* caminhou sereno para o sacrificio! Entre o silencio, quando as vozes do eito quebraram as harmonias da liberdade, e a morte, quando esta arremedava nas palpitações do seu coração o bater de enxadas de um coveiro, entre o silencio com a vida e a immolação com o sepulchro, *elle*, de um heroismo sem modelo, de um desprendimento sem copia, preferiu renegar a existencia a renegar a honra de liberal, isto é, a atraçoar o seu paiz.

Não é muito que, na postura de mãe chorosa que, depois de tentar diluir a lagrimas a sentença dos tumulos, crava nos olhos embaciados do filho toda a luz dos seus, na commovedora illusão de reaccender a chamma extincta da vida, — não é muito que a patria, acercando-se da sepultura do maior de seus martyres, colle os ouvidos á sua bocca fria, como que para despertar a palavra já sumida ou recolher o echo amortecido de um testamento derradeiro: *á liberdade do povo!*

Parece que só do occaso de sua morte devêra rebentar a aurora da redempção para o escravo e para o povo.

Inflexivel nos principios da escola politica, em cuja defeza travou os esforços de uma existencia inteira, indomavel pela rigidez immaculada de seu character, elle atravessou cêrca de trinta annos de vida publica — como um protesto ao abastardamento do systema representativo e á dissolução das forças vivas do seu partido, sem conhecer o caminho das apostasias, que as ambições pessoaes tanto tem ageitado, nem o recanto das transacções e dos pactos em que se tem preparado o estame de todas as mutações da nossa comedia. constitucional.

«Imperio pessoal, elle o disse na franca eloquencia de sua palavra; ministerio pessoal; parlamentos pessoaes; minorias e maiorias pessoaes; nenhum principio respeitado em dias de crise; todas as apostasias sagradas como signaes de triumpho; as ambições, nadando confusas ás vezes em um mar de lama; o despeito das quedas transformado em juiz da victoria; a colera da auctoridade vingando o proprio descredito; a lei sem força, o direito sem prestigio, e a moral quasi escarnecida... eis o que é para muitos o estado do imperio.»

«... eu sou o mesmo homem, accrescentava, na minha fé inabalavel pelos destinos da liberdade, no meu amor nunca dementido ao culto do direito, no meu respeito acendrado pela execução da lei, e mais do que tudo isso na indignação indomavel, que suscita em minha natureza, ainda hoje, apezar dos annos e da enfermidade, todo arbitrio, todo violencia, todo despotismo, principalmente quando é o forte que opprime o fraco ou a auctoridade que abusa do pobre e desprotegido.»¹

—Por isso logrou a dita de instigar contra si as individua-

¹ *O Partido Liberal*, de 13 de março de 1886.

lidades vulpinas e os caracteres versipelles que mudam de vida com as estações; e, creando um vocabulario proprio, chamam gloria dos partidos os proventos individuaes, não separam o interesse — da justiça, não unem o culto do direito ao culto das idéas, e graduam todos os actos pela medida das proprias conveniencias. ¹

Mas, em contrapezo, ninguém como José Bonifácio, o pontífice aclamado, levantou mais pura e mais alto a hostia dos principios nas aras do caracter.

Fiel ao elevado pensamento que illuminou-lhe a vida, directriz sublime, da qual nunca foi afastado — nem por interesses contrapostos, nem pelas paixões revoltas, nem pelas lisonjas da popularidade, nem pelas ambições do poder, nem pela condescendencia com amigos, — elle, se alguma vez se enganou na applicação ou defeza dos grandes principios de um governo livre, alcançou ao menos a consciencia de uma felicidade suprema: — nunca voltou costas ao sol, caminhou sempre para a liberdade, que é a luz dos povos e a vida das democracias. ²

Não foi sob a cumplicidade do seu silencio que no paiz — presenciámos « luctas politicas, rebaixadas até ao nivel das mais vulgares ambições; nomes proprios substituidos aos interesses dos partidos; — tentativas ousadas até á temeridade, chegando a resultados mesquinhos até ao ridiculo; — todas as situações falseadas, todos os homens politicos intrigados, sem que entre elles houvesse para separal-os a espessura de uma insignificante idéa».

Não! o grande morto, servo da verdade, escravo dos principios, elle os soube dizer inteiros á face do paiz, sem trahir a

¹ *O Partido Liberal* de 13 de março de 1886.

² *Id. id.*

causa do povo, por quem subira ás culminações politicas, sem comprometter a corôa, visando uma estulta popularidade.

... Pois bem, para em nome do *grande morto restituir a vida a este grande paiz*, ¹ para viver ou morrer ao pé do evangelho do civismo, erguido como um estandarte, «sob estes horisontes immensos, á luz dos quaes desaparecem as fronteiras dos paizes, a differença das raças, as divisões dos partidos»; para essa politica, que deverá tomar por bandeira sua mortalha, por altar o seu tumulo, por arca o seu nome, quem apparece para recolher a gloriosa herança, n'esta geração de bastardos politicos?

«*Saudade immensa. immensa solidão!*» ²

¹ *Diario da Bahia*, outubro de 1886.

² José Bonifacio, *O redivivo*.

~~3000~~
1000

us. exp.

10
04
27.00
3
900

125
150
625
125
1875

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).